

**AROLD MURÁ G. HAYGERT**

**VOZES  
DO PARANÁ**  
**RETRATOS DE PARANAENSES**

**ALEXANDRE  
CURI**

**2**

ARY DE CHRISTAN  
BENTO GARCIA JUNIOR  
GLEISI HOFFMANN  
GUSTAVO FRUET  
IRINEO DA COSTA RODRIGUES  
JAIME LERNER  
JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI  
LUIZ ALFREDO MALUCELLI  
LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ  
ELIN TALLAREK DE QUEIROZ  
PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA  
RAUL TROMBINI  
RENÉ DOTTI  
RICARDO HOEPERS, PE.  
RICARDO PASQUINI  
WALDO VIEIRA  
WILSON DE ARAÚJO BUENO



**Convivium**  
editora Ltda.

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

#### Produção editorial

Editora Esplendor  
Jubal Sérgio Dohms

#### Revisão

Agostinho Baldin  
Luis Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

#### Projeto gráfico e capa

Jubal Sérgio Dohms  
sobre layout de Clarissa Martinez Menini  
(para o primeiro livro da coleção)

#### Arte

Carlos Augusto Rougemont  
Gilberto Nunes Guerra

#### Fotos

01 e 10: Alice Varajão  
02 a 09 e 11: arquivo pessoal

Dados internacionais de catalogação na fonte  
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.  
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /  
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;  
Convivium 2009.  
300p.: il.; 23 x 28cm.  
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD ( 22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a  
**CONVIVIAM EDITORA LTDA.**  
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106  
Curitiba PR  
CEP 80240 001  
Telefone (41) 3243 2530  
contato@conviviumeditora.com



**EDITORA ESPLENDOR**  
Rua Deputado Mário de Barros 752 -  
Juvevê  
Curitiba-PR  
CEP 80530 280  
Telefone (41) 3253 4608  
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

## apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sábio que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert  
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009



## **Alexandre Curi**

### **Obstinado, herdeiro de Aníbal tem meta certa: ser governador em 2018**

Os colunistas sociais dos anos 1950/60s costumavam adjetivar de forma peculiar – e definitiva – seus personagens mais cintilantes. Os jovens, ricos, charmosos e brilhantes, com grande trânsito no noticiário múltiplo, eram chamados de “representantes da juventude dourada”. Ou “jeunesse dorée”, em francês, como o fazia o cronista Ibrahim Sued, um incansável francófilo.

Alexandre Maranhão Curi, curitibano, 29 anos, encaixa-se no perfil, observando-se-lhe em pleno novembro de 2008.

Vem de berço esplêndido, de ouro, e recebeu uma carga genética privilegiada no que toca à vocação política. É neto de Aníbal Curi, o mais controvertido político paranaense do século XX, o Aníbal muitas vezes fortemente rejeitado e condenado, mas também amplamente amado e acatado, sobre o qual o paradigmático ex-governador Jayme Canet Junior um dia resumiu: “Aníbal é o poder, o resto é governo...”

O neto Alexandre acha que não incorporou por inteiro o DNA psicológico do avô, nem o todo das pegadas que definiam sua operacionalidade política. Seria mesmo impossível. Mas não há outra pessoa de quem fale com maior orgulho do que o homem que por quase 50 anos foi o grande pêndulo da vida paranaense, articulador e aglutinador de forças e soluções que garantiram a governabilidade em boa parte da História do Paraná de hoje. O Aníbal que gerava desafetos e críticos irreconciliáveis, esses quase sempre resguardados à sombra, assim se protegendo de supostas expedições punitivas que poderiam vir do “homem que calculava”.

Aníbal é sua referência ampla, mas não quer ser dele um clone, uma réplica, mesmo porque os tempos são outros.

Se o Aníbal que corre em suas veias foi seu primeiro e até mais forte exemplo de como fazer política – “seja amigo dos amigos”, máxima que o neto absorveu e repete com frequência –, Alexandre está aperfeiçoando e polindo visões e lições recebidas. “Os tempos são outros”, diz, consciente de que não se pode viver apenas de herança, como um pacote feito para sempre, por mais preciosa e respeitável que ela seja. Assim, tem os olhos pregados no futuro, que para ele “chegou cedíssimo”, como recorda o analista político e jornalista Fábio Campana.



*Infância alegre marcou o início da vida do parlamentar Alexandre Curi.*

E seu ano dos sonhos parece estar logo adiante. Por isso, Alexandre assesta armas, com pressa de definir calendário e território: quer ser governador em 2018. Candidatura precoce? Ele tem sido um precoce que deu certo no mundo da política, corre em cancha reta, pode “dar luz a adversários”, observa um deputado opositor.

### **Pulando Geração**

O mesmo Fábio Campana vai mais a fundo ao analisar esse jovem inquieto, agitado, simpático-contido, de pouco mostrar os dentes e que consegue – apesar disso – conquistar seguidores que são espécies de fiéis: “Com o Alexandre Curi a genética deu um salto de geração, o *homo politicus* foi do avô para o neto, direto...”, diz.

Filho de Aníbal Curi Junior e de Jandira Maranhão Curi, irmão de Daniel, 28, e Rodrigo, 27 anos, o pri-

meiro secretário da Assembleia Legislativa do Paraná é o segundo homem com maiores poderes no legislativo estadual. O primeiro é seu hoje amigo, amizade sólida (herança também de Aníbal), o *lord* presidente Nelson Justus, como ele denomina o parlamentar, assim fazendo ressoar um cognome consolidado.

Os parlamentares formam o mundo mais imediato que envolve Alexandre em doze horas seguidas, das 7h30 às 19h30, todos os dias.

É dos primeiros a chegar à Casa, só precedido pelo pessoal da segurança e conservação. Lá faz as refeições e embreda-se de um mundo que acaba sendo uma espécie de filtro social do Paraná, receptáculo de interesses públicos, alguns privados, de reclamos sociais, de misérias de populações carentes e caixa de ressonância de reivindicações classistas, partidárias, de grupos políticos reinantes ou daqueles temporariamente alijados

do poder.

Sobre os alijados, ou que perderam o comando, tem uma máxima: “Trate-os melhor do que quando estavam no poder”. Assim Alexandre vai plasmando seus caminhos sob o signo de conselhos prudentes do velho árabe, aquele espírito ancestral a cujos pés recebeu as primeiras grandes lições de como comportar-se no xadrez da política.

Aceita qualquer sugestão para falar da Assembleia e dos homens e mulheres que a compõem. Acredita que o legislativo é a grande amostra do Paraná, da sociedade paranaense. Ele mesmo se entende bem representativo dessa sociedade de grande mobilidade, diversidade, contradições, potencialidades e plasticidade: em 2001,

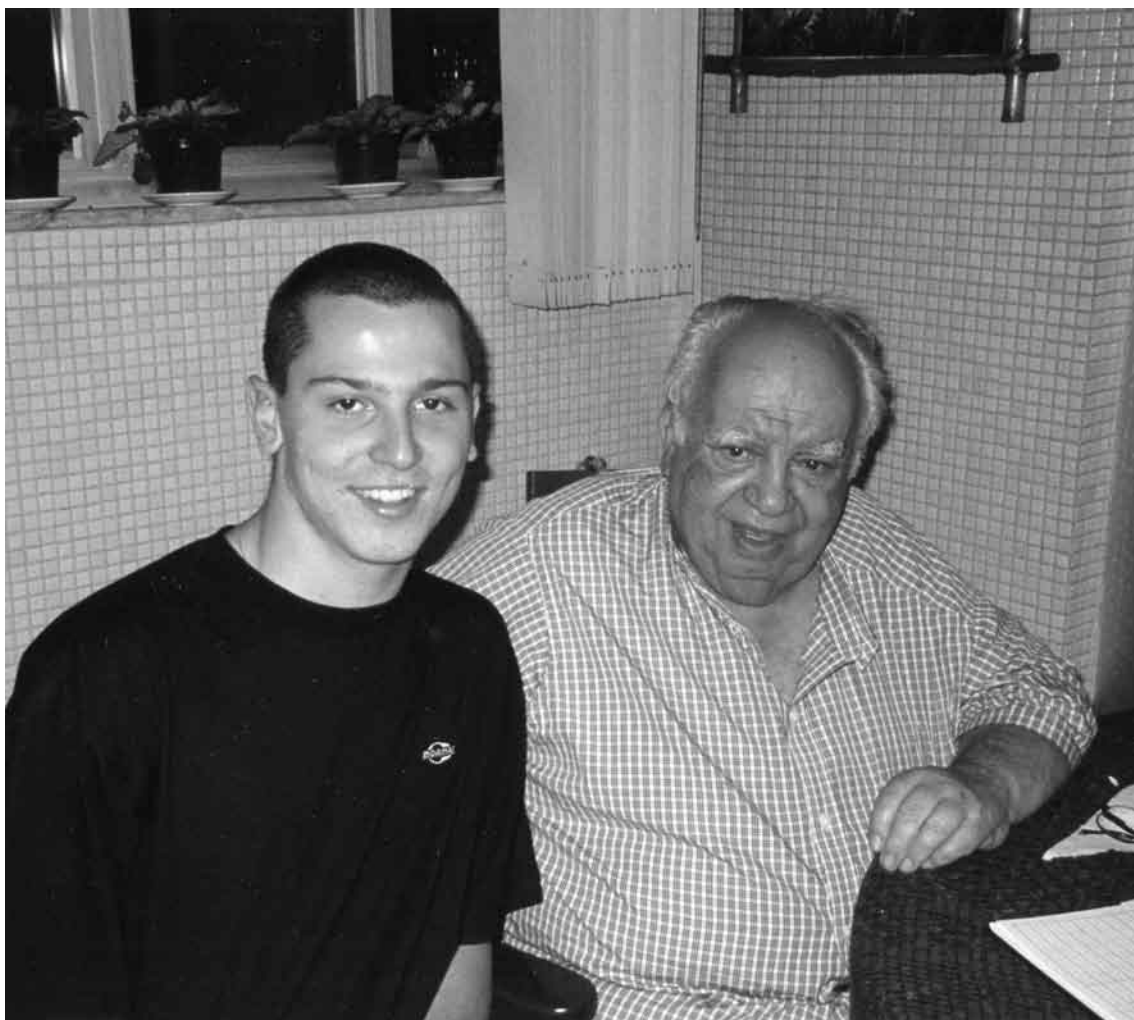
com a morte do avô ocorrida no ano anterior, partiu para a vida pública “até para dar continuidade a um traço familiar muito forte”, explica.

Em 2001, aos 22 anos, elegeu-se vereador em Curitiba (11.777 votos), e de 2003 (45.777 votos) até agora, está no segundo mandato de deputado estadual, tendo sido em 2006 o campeão absoluto de votos no Estado. Fez 40 mil votos a mais do que o segundo colocado.

Nesse ponto, faz um reconhecimento: a impressionante adesão a seu nome por prefeitos de 65 municípios deve-se em grande parte a sua capacidade de conquistar recursos estaduais para as cidades que ficaram com ele. E a amizade e bom trânsito com o governador Requião foram decisivos para os resultados obtidos.



*A paixão pelo Atlético Paranaense vem desde a infância. Torcedor “fanático” pelo Furacão, Alexandre começou cedo a frequentar o antigo Joaquim Américo, hoje Arena da Baixada. Ao lado, Alexandre, seu irmão Daniel e o primo Ricardo. Assim como seu avô Aníbal Curi, Alexandre escreve sua história no Clube fazendo parte do Conselho Deliberativo.*



*O Deputado Aníbal Curi sempre recebeu as mais diversas lideranças, autoridades e amigos em sua residência, como Pier Paolo Petruzzello, amigo de infância do Deputado Alexandre.*

## Curi é Khury

O sobrenome libanês mostrou-se muito difícil de ser corretamente grafado, o que – na política – consistia em um problema, uma vez que o nome precisava ser escrito na cédula.

Na linguagem libanesa Khury significa “filho do pai”, indicando a forte ligação da família com a religião católica do rito maronita.

Os Khury viviam nas montanhas de Abadie e eram tradicionais plantadores de trigo, além de cultivar figos e oliveiras, pois a atividade principal da região era a produção de azeite.

O bisavô de Alexandre, Salomão Khury, nasceu em uma região montanhosa, de muitos cedros, a 20 km de Beirute, em 15 de novembro de 1891. Ele veio ao Brasil em 1912, estabelecendo-se em São Paulo, onde constituiu família, com seis filhos. Os mais velhos, Odete, Jorge e Nipton, nascidos em São Paulo, receberam o sobrenome Curi, aporuguesado. Já os mais novos, Anibal (avô de Alexandre), Michel e Salomão, nascidos no Paraná, resgataram o sobrenome paterno.

A amizade entre o jovem de futuro político escancarado e aquele em final de linha no Executivo “é um positivo contraste de gerações”, observa um prefeito aliado de Curi. “É até bonito de ver”, completa.

### Conhecendo os parceiros & composição multiétnica

Como o Paraná, Alexandre é resultado de muitas etnias. Como se diria, é um *melting pot*: do avô desembargador Guilherme Albuquerque Maranhão correm vozes de comando baseadas em Jerônimo Maranhão, o chamado “Adão do Nordeste”, pai de uma ampla descendência; por parte dos Curi, árabes cristãos puro sangue do Líbano, há ainda – além de Aníbal – a pedagogia oculta do tio-avô, o deputado federal Jorge Curi, um dos mais íntimos amigos e orientadores de Carlos Lacerda; o Jorge Curi udenista de todas as horas, inseparável do senador padre Calazans, de Aduino Lucio Cardoso, de Aliomar

Baleeiros, do deputado federal padre Godinho. Um articulador ímpar na chamada “banda de música udenista”. Era porta-voz de um conservadorismo esclarecido, udenista fiel a amigos e às boas causas que, até por isso, não o livraram de ser cassado no regime militar de 1964.

E como esquecer o velho general Ítalo Conti, 93 anos, pracinha na II Guerra, “uma fortaleza”? Desse tio-avô, notavelmente lúcido e impressionantemente ativo, Alexandre retira novas lições de vida. Ítalo, casado com dona Odete, irmã de Aníbal Curi, foi um dos condestáveis do Paraná, poderoso particularmente sob o consulado de Ney Braga.

As avós, dona Jandira Maranhão, 86 anos, e dona Niva Sabóia Curi, 82, ainda ativas e muito lúcidas, são a outra parte desse conglomerado étnico – neste caso, também com contribuições ibéricas e italianas – para a formação desse inquieto Alexandre que se prepara para conquistar o Paraná pelo voto nos próximos anos.

Cada segundo de conversa com Alexandre é preenchido por suas preocupações políticas. Raramente se concede uma observação, mesmo que amena, sobre a vida alheia, as derrapagens do universo de políticos, de maneadas de poderosos e de comodatários do poder ou, ainda, dos parentes e afins dos poderosos que estão no

comando.

Quando não gosta de alguém, trai-se, deixando a eloquência de lado, substituída que é por uma interrogação facial. O rosto assim funciona como espelho de alguém que, sutilmente, parece estar sempre escrutinando o interlocutor. Claro que não é um santo, às vezes peca com alfinetadas certeiras dirigidas a nomes que jamais admitiu em seu aprisco. São raras.

Seus assessores são um “povo a caminho”, jovens como ele, como diz um parlamentar acostumado a dividir certos dias de lazer com Alexandre e sua equipe, mais juízes, desembargadores, deputados, ex-jogadores profissionais – como Dida – em partidas de futebol.

O futebol é a amenidade que se concede, eventualmente no campo nos fundos de um escritório político que mantém na cidade.

Mas também deixa claro preferir as longas tertúlias com os mais velhos, um deles, o governador Requião.

Na verdade, sua primeira e decisiva escola política foi aos pés do avô. Primeiro, na ampla casa do Batel, para a qual acorriam, nas primeiras horas da manhã, para o café matinal, dezenas de notáveis do Paraná – políticos com ou sem mandato, membros do judiciário, de todos os escalões, empresários, velhos e novos administrado-



*Clemência Maria Ferreira Ribas, Alexandre Curi, os avós paternos Niva e Aníbal Curi, com o avô materno Desembargador Guilherme Maranhão.*

res públicos, ou pessoas simplesmente interessadas em ouvir o guru.

Ali ao lado do velho árabe, servido pela onipresente dona Niva (que de Aníbal era o terceiro braço, o apoio insubstituível), Alexandre foi absorvendo tudo. E tecendo laços de amizade sob as bênçãos do “buda”, outro cognome do avô.

Para aquela casa do Batel mudou-se aos dois anos, com os pais traumatizados pela morte em acidente de trânsito do irmãozinho Aníbal Curi Neto, nascido imediatamente depois do irmão Daniel.

Naquele cenário ficou anos e depois continuou, a partir de 1997, na *schola* do edifício Porta do Sol, na Avenida Visconde de Guarapuava, onde Aníbal estabeleceu seu “guruato”, num desfilar de casos a resolver, de conselhos a dar, de soluções a encontrar.

– Das máximas que recolhi naquela academia de política – diz Alexandre – uma fica para sempre. A de que, ‘embora a política seja cheia de traição, ela não respeita o traidor.’

A advertência de Aníbal é também conselho que Ale-

xandre acatou, e coloca em prática.

É uma observação – garante – que tem direção certa, atinge vira-casacas que perderam bases e fortes grupos de apoio sem conquistarem espaço em novos abrigos partidários. Os mesmos partidos que antes demonizavam.

Na mesma linha de conselhos prudentes, cita:

– Nunca confie num político cuja mulher não goste de você.

### Universidade da vida e quem está no comando

Alexandre nunca teve vocação para estudos sistemáticos, para o banco escolar. Mas era um ás do futebol de salão, com torcida organizada para incentivá-lo, lembra Caio Martins, advogado, 29 anos, colega e companheiro de Alexandre naquelas partidas no Colégio Positivo.

Fez o primeiro grau no Colégio Santa Maria, o segundo no Positivo, depois entrou numa escola particular de Direito. Jamais concluiu o curso, foi engolfado pelo universo das confabulações e atendimentos das lides político-partidárias.



Em confraternização com o Secretário Estadual de Meio Ambiente Rasca Rodrigues, Sandra Pessuti da Secretaria Estadual de Saúde, José Narciso de Mello (Zé Balão) Chefe do escritório Regional da Secretaria do Trabalho, Vice-Governador Orlando Pessuti, deputado Luiz Eduardo Cheida e o ex-prefeito de Ivaiporã Célio Boiadeiro, entre outros.

Agora está cursando Administração. Não mostra entusiasmo – nem nunca foi bom aluno – ou não tem paciência para atender aos projetos universitários. É autoconfiante só na escola da vida, em que “às vezes parece um doutor”, observa um prefeito do Norte do Paraná, fã incondicional da forma Alexandre de ser.

Esse mesmo prefeito observa ainda, sábio: “Como ele é quase um guri, os que fazem parte de seu grupo tentam impressionar. Sugerem ser a maior influência na vida de Alexandre. E ele, ladino, até parece alimentar e incentivar o equívoco. Mas quem está no comando é só Alexandre, jovem mestre na arte das articulações”.

Já o jornalista Celso Nascimento, analista político do jornal “Gazeta do Povo”, dono do maior público leitor do mais importante jornal paranaense, simplifica quaisquer análises sobre Alexandre: “É resultado da escola do avô”.

Celso observa que, com isso, não quer dizer que admirasse Aníbal, pelo contrário.

Mas é quase unanimidade que Aníbal habilmente manejava os cordéis da política. Era alguém que conhecia como poucos a alma humana, suas contradições, suas mesquinhas, sua grandeza, sua capacidade de doa-

ção, seu espírito altruísta.

Celso, 62 anos, há 42 fazendo jornal e redação de televisão, é – junto com Fábio Campana – o crítico mais contundente do governo Requião, do qual Alexandre é um dos “príncipes”.

Alexandre e Celso não se conhecem, mas o jovem Curi respeita jornalistas. Mas nisso não segue – ou ainda é muito jovem para tanto – as pisadas do avô, considerado “uma bênção” para os profissionais da imprensa, a quem jamais negava informações que pudessem ser transmitidas. “Ele não falhava, tudo que nos transmitia era veraz”, diz a jornalista Ruth Bolognese. Mas os que se abasteciam da fonte sabiam que da “tenda” só saíam as notícias que não estavam no índice, as proibições a que o próprio Aníbal se impunha. Um índice limitado, é verdade.

Alexandre tem noção de quão vital é bem relacionar-se com a mídia. Reconhece que, neste capítulo, o deputado federal Gustavo Fruet (PSDB) é insuperável, uma espécie de *darling* dos comunicadores locais e nacionais, o parlamentar de grande visibilidade, sólido nas observações políticas e na análise de temas que comportam a visão do doutor em Direito que Fruet é.



Cerimônia de diplomação como vereador, em 2000, recebendo os cumprimentos dos desembargadores Renato Bettega, José Antônio Vidal Coelho e Clotário Portugal.

**Fim e começo de eras,  
quais as bolas da vez?**

Foi eleito vereador pelo PFL. Acabou no PMDB por influência de dois deputados muito ligados a sua família, Caíto Quintana e Antonio Anibelli. Mas não tem ilusões com siglas, acha que há partidos demais, é a favor da cláusula de barreira, advoga a fidelidade partidária, é contra o emprego de dinheiro público em campanhas eleitorais e vê as chamadas listas partidárias como uma grande incógnita. Teme a ditadura dos chefes partidários decidindo sobre quem pode ou não ser candidato. Acredita que de seis a sete partidos serão suficientes para criar uma identidade com o eleitor e não o pluripartidarismo como hoje existe no país, gerador até de mercantilização de apoios e alianças.

Como primeiro secretário da Assembleia Legislativa marcou pontos de boa repercussão, agora em seu currículo. Um deles, a implantação do placar eletrônico, dando visibilidade às decisões legislativas na hora do voto; conseguiu criar a TV Sinal, um canal de televi-

são de bom conteúdo divulgando o Paraná, sua gente e os atos dos deputados; diminuiu o recesso parlamentar de 90 para 30 dias/ano; acabou com o pagamento de jetons nas convocação de sessões extraordinárias. Foi muito além do que teria ousado o avô. E sem chiadeiras do *jus sperneandi*. De forma indolor.

Às segundas, terças e sextas-feiras, depois do expediente, tem compromisso com deputados mais próximos – mas as portas estão abertas para todos –, na sala do diretor geral da AL, o fiel “Bibinho”; é o que tem as chaves dos meandros da Casa, o Miguel Abid que é uma das criaturas mais notavelmente preparadas por Aníbal para traduzir e interpretar objetivos e linguagens sibilinas de deputados e políticos em geral.

Naqueles encontros, dá tempo para amenidades com deputados a quem respeita, embora em posições visceralmente contrárias no plano estadual, como Luiz Carlos Martins (PDT) e Waldir Rossoni (PSDB), além de outros, como aqueles que comungam de sua cartilha peemedebista.



*O deputado Alexandre Curi em raro momento de descontração com sua família. Na foto Alexandre entre seus pais Aníbal Junior e Jandirinha, e os irmãos Rodrigo e Daniel.*



*Na Assembleia Legislativa do Paraná, o Deputado e Primeiro Secretário Alexandre Curi em discurso no plenário.*

Alguém duvida que Alexandre faz, de tais reuniões, laboratório para recolher visões e experiências de companheiros com competência comprovada?

Sobre alguns dos deputados da Casa tem opiniões muito seguras: “Rossoni, um articulador; Durval Amaral, homem do legislativo que expõe todo um amplo conhecimento jurídico; Luiz Carlos Martins, caráter exemplar, liderança em Curitiba, e que fez curso de aperfeiçoamento político na Primeira Secretaria, ao lado de Aníbal”.

E mais: “Romanelli deu a volta por cima, depois de não ter sido reeleito, voltou à Casa e é o competente líder do Governo; Nelson Justus, o presidente, um nobre, um *lord* que transferiu seu apreço a Aníbal para mim, dividindo comigo a administração da Assembleia”.

Tem autocrítica, sabe que não é a tribuna seu forte, mas sim a articulação de bastidores. Para ele, oradores mesmos são Durval Amaral e Romanelli.

Aceita quaisquer desafios para fazer futurologia. O 2010, por exemplo, admite, deverá ter no páreo como candidatos a governador Beto Richa, Osmar Dias, Álvaro Dias, Pessutti, Bernardo. Todas as alianças poderão

acontecer, como PT/PDT, PMDB/PSDB ou PMDB/PT.

Para ele, Beto Richa leva hoje uma grande vantagem sobre os outros aspirantes – tem o domínio de Curitiba e Região Metropolitana, o que o fará – diz – sair com pelo menos um milhão de votos na frente do segundo lugar.

Fala de uma possível aliança de tucanos e PMDB como “coisa possível”, nenhum obstáculo intransponível...

A geração dos homens dos “sessenta e tantos e setenta anos” estaria no ocaso, opina. Nela estão Jaime Lerner (de quem Alexandre fala com respeito, sempre lembrando o papel exercido por Aníbal nos governos de Lerner), Roberto Requião, Álvaro Dias.

O grupo “da vez” tende a expor cada vez mais seus membros, empurrados “quase naturalmente” para tentar o Governo do Estado e Senado. Dele fazem parte, opina Alexandre, Beto Richa, Gustavo Fruet, Jorge Samek, Osmar Dias, Ricardo Barros, Paulo Bernardo.

Sobre Fruet, tem uma opinião forte: “ele não tem grupo, joga só...”

Alexandre Curi, que quer ser governador em 2018, inclui-se sem maiores delongas no terceiro grupo. Ou



*Diante do busto que homenageia o avô, na Assembléia Legislativa do Paraná.*

terceiro ciclo, como diz. E dele também fazem parte políticos também jovens, como Ney Leprevost e Osmar Bertoldi.

O futurólogo com ações e penetração municipalistas não nomina novos valores do interior, o que pode até surpreender. “Talvez porque ele se considere ubíquo, aquele que pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, qualidade que pertencia a Santo Antônio de Pádua”, brinca um vereador que conviveu com Alexandre na Câmara de Curitiba. Quer dizer: Alexandre se acharia também liderança no interior.

**Entre as admirações, reverendo Oswaldo**

Não parece preocupado com temas espirituais, num país onde ainda – talvez menos que nos Esta dos Unidos – os políticos têm de confessar suas práticas religiosas.

De qualquer forma, presbiteriano pelo lado materno, foi pela mãe e o desembargador Guilherme e dona Jandira Maranhão levado à Igreja Presbiteriana do Brasil, ao templo histórico da Rua Comendador Araújo. Chegou a fazer escola dominical, aquele tempo de aulas de explicações bíblicas tão caro aos calvinistas.

Daquela igreja há a forte recordação de um nome paradigmático na história recente de Curitiba, o reverendo Oswaldo Emerich, desaparecido há dois anos.

Nos cultos, mais do que das doutrinas, deve ter sido o atento observador da eloquência de Emerich, de sua retórica, da transparência humana daquele referencial orador.

Hoje, às vezes vai à Igreja Maranata, acompanhando sua mulher, Paula Pimentel Mussi Curi, 26 anos, publicitária, uma das diretoras da televisão do pai, Luiz Mussi.

Reservado sobre vida pessoal, é notoriamente alguém que vive “só duas relações fortes na vida: com a Paula e com a política”, diz outro velho amigo de Alexandre e que acompanhou os quatro anos de namoro do casal. “E as duas ele as vive com muita fidelidade”, completa o mesmo amigo.

Ah, além de futebol, pode ser visto na Sociedade Hípica, onde deixa aparecer outra vertente de lazer.

Nunca teve preocupações intelectuais, mas sabe que o mundo que vai enfrentar – ou que já está enfrentando – exige polivalência e conhecimentos cada vez mais ampliados, até para responder a um tempo de globalização, de limitações de fronteiras.

Não vocaliza, mas sabe-se que acompanha atentamente o desempenho de alguns *scholars* paranaenses, homens e mulheres que estão equipados para responder aos desafios do século 21, de uma sociedade de mudan-

ças aceleradas. Dali deve estar escolhendo futuros cérebros para o governo projetado.

Suas leituras ficam restritas à área dos bastidores e articulações políticas. Nomes de livros lidos recentemente: “Cinco Grandes Equívocos”, “Notícias do Planalto” e “O País dos Petralhas”.

Do avô não faz questão de recolher o exemplo do guloso. E que, até por isso, foi alguém condenado pelo sobrepeso.

– Eu puxei aos Maranhão, a meu avô Guilherme, não vou engordar, diz, assim desprezando de saída, a possibilidade de herdar o traço adiposo do “buda”.

No resto, orgulho total e irrestrito pelo salto genético que sua vocação e sua vida resumem.



*Daniel, Jandirinha, Níva, Aníbal Junior e Alexandre Curi, família sempre unida e presente na vida do parlamentar.*